

APRESENTAÇÃO

“Pele é o que cobre o nosso corpo com uma camada”. A frase de Thatiane Mendes Duque fala de um afeto, uma afecção; a pele é o que nos toca e também o que nos faz sentir o mundo fora de nós. Passagem, interface, fronteira nunca inerte, mas ativa, a pele guarda dados sobre o corpo, sobre nossas experiências no mundo. Assim, este livro se propõe a investigar a relação entre a pele, as tecnologias de computação vestível e as tessituras de memória que as vestimentas tecnológicas podem carregar e dar a sentir. A autora costura experimentos poéticos próprios; obras que abordam o corpo, a moda e a pele em suas inúmeras variações de forma e conteúdo, e uma discussão conceitual consistente para nos apresentar suas tecnologias tecidas na pesquisa que dá nome ao livro. O texto, também uma tessitura, leva-nos da primeira pele do corpo até o universo dos algoritmos, das “peles”, que armazenam dados biológicos e fisiológicos, mostrando ao leitor de que forma as máquinas podem nos colocar em contato com uma intimidade corporal, até então pouco experimentada na vida cotidiana.

Em meu momento de escrita, em 2021, em que ainda vivemos uma pandemia e enfrentamos um longo período de distanciamento social e físico, a discussão da autora se faz ainda mais pertinente, considerando a maneira como o contato físico permeia nossas ações, afetos, desejos e relações. Contudo, muito antes da situação que vivenciamos a partir de 2020, já se fazia necessário investigar as investidas do campo da tecnologia sobre o corpo, seja pelo aspecto do controle social, seja pelo aspecto das roupas que reagem às mudanças do ambiente ou que reagem ao próprio corpo. O livro que aqui se apresenta propõe um percurso muito singular, tomando

a intimidade e a memória como norteadores para nos apresentar uma “pele” cuja materialidade é feita da mistura entre informação, roupas e acessórios variados.

Num primeiro momento, o texto nos dá a ver o corpo como uma primeira pele, já indicando aí questões muito delicadas em torno da ideia de controle das emoções, dos sentimentos e do próprio corpo como organismo social. Desde o início, a autora irá atentar para os vários modelos de corpo que surgem ao longo da história, corpos inalcançáveis, como máquinas que deveriam ser perfeitas. Mas essa não seria uma visão reducionista ao extremo? Afinal, o corpo e sua camada mais exposta, a pele, são modos de estar no mundo, modos de conhecer o mundo e a si mesmo. A subjetividade e a intimidade do corpo seriam o contraponto a essa visão de um corpo-máquina desprovido de sensações. Essa dualidade aparece no primeiro capítulo, quando a autora apresenta várias propostas e experimentos que separavam o corpo dos afetos que o modificam incessantemente. Corpo-máquina, nesse sentido, seria aquele cujas engrenagens não podem ter falhas, e devem ser trabalhadas para que se tire o máximo de potência e eficácia dos músculos, ossos, órgãos, não importando o quanto isso termine por destruir a singularidade de cada pessoa. Longe dessa visada, Thatiane Mendes Duque busca um caminho mais orgânico na relação entre tecnologia e humano, apoiando-se nas discussões de Gilbert Simondon, Humberto Maturana e Michel Serres, entre outros, propondo uma visão mais sistêmica, em que o corpo é visto em variação constante, num movimento em que o contato com outros meios e outros corpos produz uma interferência mútua entre os elementos. O texto nos conduz, assim, para os encontros

de que o corpo é capaz e deseja, olhando para os afetos que o marcam e para como ele também afeta aquilo que o toca. Merleau-Ponty é o interlocutor nesse momento, o que abre caminho para percebermos a pele como um sensível, como algo que é tangente e tangível, como aquilo que nos faz tocar a carne do mundo.

A pele ruboriza, arre pia, transpira. Tem marcas, produz marcas, mexe com o corpo, ao mesmo tempo que o recobre. A pele sente e guarda. A pele carrega nossas experiências íntimas, conecta-se diretamente com o corpo e seus movimentos de percepção do mundo. Talvez por isso, o controle do corpo tenha sido sempre uma questão central para a política, para a economia, para os mecanismos de poder e controle social. E várias tecnologias surgiram, buscando controlar e disciplinar o corpo, como bem mostra Foucault. Mas passamos já da sociedade disciplinar para uma sociedade de controle. No primeiro capítulo, “Primeira pele: corpo”, a autora passeia pela produção artística voltada a pensar as vestimentas e os aparatos disciplinares como forma de ilustrar práticas em que as técnicas ou tecnologias funcionaram, em sua grande maioria, como maneiras de cercear a experiência afetiva e livre de preconceitos. Esse recurso é largamente utilizado ao longo do livro, e nos permite visualizar críticas potentes a uma sociedade em que a visibilidade extrema dos corpos é praticada de modo a cercear o contato, não ampliá-lo. A profusão de dados produzida sobre corpos, seus ritmos biológicos, fisiológicos e mesmo sobre as relações entre os corpos é estonteante e parece se prestar ao desejo de controlar qualquer manifestação fora da lógica da eficiência corporal.

Se o capitalismo contemporâneo precisa, de maneira incessante, regular e reprimir os corpos como forma de se manter vivo, a autora nos convida a manter viva a postura crítica diante dessa proposição. E o faz de maneira instigante, problematizando a noção de que a pele, o corpo e os sujeitos possam ser reduzidos a dados, eliminando assim sua subjetividade. A computação vestível é pensada aqui como ruptura desse pensamento: contrária ao esvaziamento das subjetividades, a pesquisa aposta na exploração da memória e da intimidade como elementos para liberar o corpo de exigências de controle, eficiência e aprisionamento em esquemas pré-concebidos de funcionamento padrão.

Assim, chegamos ao segundo capítulo, “Segunda pele: roupa”, no qual a autora traz à discussão a roupa e seus modos de expressar a intimidade dos corpos e de suas memórias. Num percurso cuidadoso pela história da moda, mas não exaustivo, vemos como a roupa foi moldando não só a identidade, mas também o espaço íntimo de cada um. De um elemento para proteção, passando pela construção de identidade social e chegando até o efêmero, a moda fez da roupa um objeto artístico, que deveria sempre se renovar a cada estação. No entanto, as roupas não deixaram nunca de se mostrarem como uma segunda pele, talvez até como a nossa pele, fosse ela coletiva ou individual.

Acompanhando evoluções e demandas por novos tipos de vestimentas, as roupas estiveram sempre ligadas ao desenvolvimento de novos tecidos, novos elementos e formas de abrigar e mostrar o corpo em todas as suas nuances. Por essa razão, quando o texto nos apresenta a integração entre

tecnologia e corpo, não estamos mais num terreno desconhecido ou incógnito, pois as relações entre os dois elementos são abordadas de maneira consistente ao longo da pesquisa feita pela autora. Destaco essa forma de aproximação porque um outro ponto pertinente e permanente em todo o texto é a maneira como a autora discute as relações entre o humano e a técnica.

Tendo Simondon como um interlocutor central dessa abordagem, a tessitura que experimentamos no livro é marcada pela composição, pela co-individação da técnica junto com os seres humanos. Não se trata de uma disputa, em que o humano é visto como superior ou inferior, mas de relações de mudança constante e conjunta dos elementos. Com essa perspectiva, Thatiane pode então nos apresentar as roupas como externalizações da nossa memória, da identidade, das informações íntimas que carregamos, e não como algo que deve ser pensado para melhorar um corpo cuja eficiência seria questionável. Num capítulo ricamente ilustrado, como também são os outros, encontramos experimentos funcionais e artísticos muito distintos, relacionados à criação de roupas, acessórios e computação vestível. O capítulo é, ao mesmo tempo, denso teoricamente, e também no que diz respeito à apresentação de práticas e criações no campo da moda. As vestimentas passam a ser pensadas como aparatos sensoriais capazes de produzir novas relações com o entorno dos corpos, como instrumentos de posicionamento político; como discursos sobre o corpo, a sociedade, os mecanismos de controle e biopoder. E é a partir desse elenco de obras que a pesquisa coloca em discussão a roupa como informação, como linguagem, como recolhedora, armazenadora e

fornecedora de dados. Se o corpo fala, de que maneira ele fala? Em quais registros aparecem seus discursos? E como eles são armazenados? Um dos caminhos da pesquisa é justamente pensar a memória a partir das roupas, em suas variadas formas de apresentação. E não se trata somente de pensar o passado, mas de investigar de que forma as roupas propõem ações, comportamentos e organizam modos de vida derivados da maneira como se relacionam e coletam informações corporais.

Os dispositivos vestíveis podem amplificar o alcance do corpo, provocar novas interações com o ambiente, indicar situações de estresse corporal e, obviamente, prestarem-se ao controle do desejo dos corpos. No entanto, e essa é a questão central das investigações de Thatiane Mendes Duque, a computação vestível pode ser uma brecha para experiências cujo ponto central é a produção de novos afetos, de experiências voltadas para a alteridade e para a criação de outros padrões de contato corporal. Ao falar da terceira pele no capítulo seguinte, “Terceira pele: algoritmo, memória e intimidade”, a autora explora mais a fundo a questão do testemunho e das narrativas de memória como descontínuas, como aberturas para um outro pensamento sobre todas as peles investigadas na pesquisa. A memória aparece então como produtora de afetos, e não como registro inerte.

Se as vestimentas tecnológicas são pensadas e produzidas a partir da sua capacidade de registrar dados corporais, como conjugar a ideia de registro com a produção de novas sensibilidades? A resposta passa, no caso das peles computacionais, pela maneira como os algoritmos leem e interpretam sinais e

criam um duplo do corpo. Ao longo do capítulo, percebemos, seja nas análises de obras, seja na discussão conceitual, que os algoritmos e programas podem ir além do papel de arquivos que legislam sobre o que será guardado. Mas, para tanto, é preciso que o seu uso não fique balizado apenas pela ideia do controle e da ordenação dos dados em cadeias eficientes de funcionamento dos aparatos técnicos. Os agenciamentos algorítmicos que a autora nos apresenta, seja como obras de outros artistas, seja a partir das suas próprias obras, podem criar novas narrativas corporais, dar a ver corpos não autorizados por narrativas institucionais e oficiais. Mesmo que a força da computação vestível esteja centrada ainda em despersonalizar o corpo, em buscar a performance ideal à qual os corpos deveriam se ajustar, o caminho que o livro trilha é o oposto desse esvaziamento da experiência subjetiva, particular e íntima.

Ao final do livro, Thatiane Mendes Duque nos brinda com conclusões inconclusivas, como dizer que a memória que a computação vestível guarda não deve nos prender a um só tipo de corpo, mas nos auxiliar a pensar os corpos futuros e suas possibilidades de alteridade. Indo de experimentos que discutiam a forma como um objeto vestível pode mapear os trajetos que fazemos no espaço (Bússola Tátil) até peças que analisam criticamente o corpo feminino como uma jaula, sujeito a padrões estéticos que o aprisionam, a autora defende uma postura política crítica fundamental na investigação sobre computação vestível. Mais do que um elemento tecnológico que deveria moldar corpos não perfeitos, Thatiane se assume como uma pesquisadora de possibilidades de abertura da tecnologia e do corpo,

através das peças que elabora, mesclando sensibilidade, uso do agenciamento maquínico e um olhar aguçado sobre corpos cuja maior potência é transformar o mundo e as sensibilidades que o circundam e o permitem existir em sua alteridade fundamental.

Carlos Falci

Docente da Escola de Belas Artes (EBA)

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Janeiro de 2022